

# A Herança de Fontenele

Rubem Braga

UM amigo meu parou o carro um instante em uma rua de subúrbio, enquanto ia perguntar onde ficava uma fábrica. A rua estava quase vazia, mas apareceu um guarda de trânsito, disse que ele não podia estacionar o carro ali e, para encurtar conversa, tungou o meu amigo sob ameaça de lhe tomar a carteira e apreender o carro.

Esse fato banalíssimo, que se repete centenas, milhares de vezes no Rio, caracteriza uma herança deixada pelo coronel Fontenele que o novo governo terá de enfrentar: a corrupção em grande escala dos guardas do trânsito.

Tenho boa memória: nos tempos não saudosos do Estado Novo, eles tungavam muito; mas a verdade é que eram modestos em suas pretensões. Mesmo levando em conta a correção monetária, os guardas de hoje tungam muito mais. Isso é fácil de compreender: o terror instalado pelo coronel Fontenele com esvaziamento de pneus, «chicote queimado», currais, apreensões, multas altas etc, deu nova força aos guardas.

O coronel Fontenele jamais moveu uma palha contra a corrupção de seus homens, cuja «autoridade» sempre prestigiou. Nada mais fácil do que identificar e punir os guardas tungadores. Se o motorista tungado tivesse confiança na autoridade estadual, ele denunciaria o achacador; bastaria mandar outro motorista com chapa particular repetir a mesma infração ou ameaça de infração no mesmo local para que se pudesse pegar o guarda em flagrante quando ele tentasse novamente tungar.

Apesar de repetidas denúncias, o coronel Fontenele nunca iniciou uma campanha moralizadora. Ele próprio organizou, em benefício de sua repartição, verdadeiras tocaias para achacamento oficial, postando guardas e policiais em certos locais em que se mudava a mão, para tungar os motoristas incautos ao dobrar uma esquina. Bastaria um guarda para evitar naquela esquina a infração involuntária; empregavam-se vários guardas e policiais à paisana, como eu mesmo testemunhei, para apanhar o motorista na arapuca armada pela autoridade!

O governo do Estado deu, além disso, ao coronel Fontenele, poderes absolutos, inclusive uma autonomia financeira incompatível com as boas normas do direito público. A filosofia oficial, que me foi exposta por duas figuras importantes do atual governo, era de que «o Fontenele pode chatear alguns grã-finos, mas agrada ao povo». As eleições mostraram que essa política de arbitrariedade, estupidéz e assalto à bolsa dos motoristas não era tão popular assim.

A nova administração deverá estudar o que há de aproveitável e sensato nas reformas feitas pelo coronel Fontenele; poderá logo acabar com algumas coisas «quadradas», como a mão única na avenida Atlântica fora das horas do «rush», e outras humilhantes, como o esvaziamento de pneus. Mas a primeira tarefa é moralizar o pessoal, para que o motorista possa ter não apenas medo como respeito à autoridade.

DN- 2. 12. 65